

MedOracle aposta em curadoria clínica para disputar espaço na nova fase da IA médica no Brasil

Com avanço regulatório e pressão por produtividade no sistema de saúde, startup defende que valor da inteligência artificial estará na especialização, segurança e aderência à prática médica

Por Pulse Brand — São Paulo

A inteligência artificial aplicada à medicina entrou em 2026 em um estágio distinto no Brasil. Depois de um ciclo inicial marcado por testes, uso difuso de modelos generalistas e experimentação em consultórios e hospitais, o mercado começa a migrar para soluções desenhadas para reduzir fricções concretas da rotina clínica, como documentação, acesso à evidência, organização do histórico e apoio à conduta. Esse movimento ganhou novo peso institucional com a publicação da Resolução CFM nº 2.454/2026, que normatiza o uso da inteligência artificial na medicina e reforça que a decisão diagnóstica, terapêutica e prognóstica permanece sob responsabilidade do médico.

Na prática, a discussão deixa de ser apenas se a IA será usada e passa a ser como ela será incorporada ao fluxo de trabalho sem comprometer segurança, rastreabilidade e autonomia profissional. O Conselho Federal de Medicina estabeleceu que o paciente deve ser informado sempre que a tecnologia for utilizada, definiu critérios de classificação de risco para os sistemas e vinculou seu uso à validação científica, à certificação regulatória pertinente e aos limites éticos e legais da profissão.

A pressão econômica e operacional ajuda a explicar a velocidade dessa transição. Em recorte setorial da 28ª Global CEO Survey, a PwC mostrou que 58% dos CEOs de saúde no Brasil já perceberam ganhos de eficiência no uso do tempo dos funcionários com IA generativa, enquanto 35% relataram aumento de receita associado à tecnologia. No front assistencial, o movimento também encontra respaldo. Em divulgação do Future Health Index 2025, a Philips informou que 85% dos profissionais de saúde brasileiros estão otimistas quanto ao potencial da IA

para melhorar resultados em saúde, enquanto a pesquisa aponta avanço da tecnologia como resposta à sobrecarga e às lacunas operacionais do setor.

Para Cristiano Nascimento, CEO da MedOracle, o amadurecimento do setor exige uma mudança de perspectiva sobre o papel da tecnologia na medicina. “A inteligência artificial na saúde não pode ser tratada apenas como ganho de produtividade. Ela precisa ser construída com responsabilidade clínica, curadoria científica e profundidade técnica para realmente apoiar a tomada de decisão médica sem comprometer segurança e confiança”, afirma.

Mas o mesmo ambiente que favorece a adoção expõe o principal freio dessa nova fase: confiança. Segundo a Philips, 44% dos profissionais de saúde no Brasil temem burnout devido ao tempo consumido por tarefas não médicas, e 78% relatam perda de tempo clínico por falta de acesso a dados de pacientes, o equivalente a 23 dias úteis por ano. Ao mesmo tempo, apenas 70% dos pacientes brasileiros se dizem otimistas em relação ao potencial da IA para melhorar sua saúde. O descompasso sugere que a adoção em escala dependerá menos do brilho tecnológico e mais de governança, transparência e utilidade prática.

É nesse contexto que startups brasileiras tentam ocupar um espaço mais especializado dentro da saúde digital. A MedOracle, plataforma voltada a médicos e estudantes de medicina, estrutura sua proposta como um ecossistema de inteligência artificial para apoio clínico e organização da rotina profissional. Em seus próprios termos de uso, a empresa define a plataforma como ferramenta tecnológica destinada a auxiliar decisões clínicas e orientações médicas, sem substituir a avaliação especializada e presencial. O acesso é restrito a médicos e estudantes de medicina, e a operação declara conformidade com a LGPD no tratamento de dados.

O posicionamento é coerente com a direção que o mercado começa a tomar. À medida que a IA na saúde deixa de ser percebida como experimento e passa a ser tratada como camada operacional da prática médica, a diferença competitiva tende a migrar do modelo em si para a qualidade da curadoria, a aderência regulatória, a especialização dos fluxos e a capacidade de gerar confiança para quem usa e para quem é atendido. No caso da MedOracle, a empresa apresenta mais de 200 ferramentas, 50 especialidades e recursos voltados a anamnese, análise de exames, laudos, busca científica e apoio documental. Em materiais públicos, também destaca curadoria técnica realizada por especialistas com RQE e validação médica real no treinamento de agentes de especialidade.

Com cerca de 1.500 usuários e parcerias com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica, com a empresa júnior da Medicina USP e com a IFMSA Brazil, a startup aposta numa tese que dialoga com o momento do setor: a de que o futuro da IA médica não será definido apenas pela sofisticação computacional, mas pela capacidade de traduzir tecnologia em condutas mais seguras, menor atrito operacional e suporte clínico com lastro científico. Segundo informações da empresa, o trabalho de curadoria envolve mais de 50 médicos de diferentes especialidades, todos com RQE, mestrado ou doutorado.

Essa agenda extrapola consultórios e hospitais privados. Em paralelo, a Medoracle afirma desenvolver um projeto com a Hamy para levar IA médica a comunidades indígenas, buscando reforçar a assistência generalista com condutas de nível especialista em contextos de maior restrição de acesso. Nessa frente, o que está em jogo não é apenas eficiência. É a possibilidade de o Brasil transformar regulação, escassez de especialistas e inovação aplicada em uma nova arquitetura de apoio clínico, na qual a inteligência artificial funciona menos como promessa abstrata e mais como infraestrutura confiável da medicina contemporânea.

<https://valor.globo.com/patrocinado/pulse-brand/noticia/2026/03/16/medoracle-aposta-em-curadoria-clinica-para-disputar-espaco-na-nova-fase-da-ia-medica-no-brasil-1.ghtml>

Veículo: Online -> Site -> Site Valor Econômico - São Paulo/SP